

TRABALHOS PARA CASA: SABERES E INQUIETAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DA AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Natália Pacheco da Silva*

Graduando em Pedagogia (Ufpel);
Bacharel em Turismo; Especialista em
Educação Empresarial e Pedagogia
Corporativa (UNINTER Curitiba); Especialista
em Desenvolvimento de Talentos e Gestão
de Equipes (SENAC RS)
Endereço Eletrônico:
natalia.ps@live.com

RESUMO

Os Trabalhos para Casa (TPC), normalmente, são utilizados como uma ferramenta para identificar o nível de aprendizado dos alunos, bem como, reforçar, memorizar e exercitar temas pertinentes e, principalmente para observar as dificuldades perante os conteúdos transmitidos em aula. No entanto, os TPC vão além desta prática, percebe-se que através dele há maior envolvimento parental, impulsionando os docentes a incentivar os alunos para serem mais autônomos, levando-os a reconhecer a necessidade de planejar suas atividades, fazendo escolhas mais eficazes, com controle e autorreflexão de suas ações. A pesquisa pretendeu identificar como os professores podem dar sentido a aprendizagem através dos Trabalhos para Casa, e analisá-los como estratégia de aprendizagem autorregulada. A abordagem da pesquisa se firmou com o método de pesquisa qualitativa com aplicação de questionário com perguntas abertas. A amostra constitui-se de oito docentes do Colégio Estadual Doutor Cassiano do Nascimento na cidade de Pelotas. Os principais achados de pesquisa até o momento apresentam que os TPC são utilizados como retomada de conteúdo e identificação de dificuldades; com pouco estímulo a autonomia e motivação; percebe-se também pouco envolvimento parental na realização destas tarefas e os docentes não expõe claramente o objetivo dos TPC.

Palavras-Chave: Trabalhos para Casa. Autorregulação. Estratégias de Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Os diferentes contextos socioculturais encontrados nas escolas possibilitam uma profunda reflexão acerca da realidade enfrentada pelos docentes, a partir das experiências com seus educandos e familiares. Partindo do princípio de que “todos podem aprender” somos tomados por muitas indagações: É necessário que o professor seja autorregulado para desenvolver tais competências com seus alunos? A família que acompanha, monitora e auxilia a criança durante as tarefas solicitadas

para realizar em casa (temas) precisa ser autorregulada para promover a autonomia do aprendiz? A criança consegue ser autorregulada mesmo que seus docentes e seus familiares não apresentem tais características? O desenvolvimento cognitivo, metacognitivo, comportamental e motivacional depende somente das competências do aluno? Questões instigantes, complexas e de caráter investigativo que nos levam a pensar sobre as responsabilidades de cada um dos sujeitos envolvidos no processo. Nessa perspectiva, descobrir e determinar a função e a atuação de cada um está vinculado às práticas, atitudes e aos comportamentos diante do fenômeno ensino e aprendizagem.

Esta pesquisa iniciará sua abordagem verificando como o professor pode dar sentido a aprendizagem do aluno através dos Trabalhos para Casa (TPC) como um processo de aprendizagem autorregulado interligado à escola e às famílias. Para entendermos com maior nitidez este processo será necessário nos aprofundarmos sobre a prática dos TPC, as estratégias de aprendizagem e sobre a autorregulação da aprendizagem.

Uma ferramenta bastante utilizada como reforço escolar é denominada de Tema ou Trabalho para casa, neste estudo faremos o uso dos TPC'S (Trabalhos para Casa). Este tipo de atividade aborda questões esplanadas em aula, como introdução a um conteúdo ou simplesmente como uma atividade para ser realizada em casa sem objetivos pré-determinados.

TRABALHOS PARA CASA: SABERES ESTRATÉGICOS

Os TPC'S podem ser entendidos como uma ferramenta de retomada simples que os professores utilizam para solicitarem aos alunos que revisem o conteúdo ministrado durante as aulas. No entanto este tipo de estratégia pode ter um caráter investigativo que incentiva a aprendizagem bem como a participação autorregulada de professores, alunos e familiares quando é possível vivenciar experiências autônomas, desenvolvimento de competências, planejamento, execução e auto-reflexão para ultrapassar dificuldades e corrigir erros conforme a sua necessidade. Nessa perspectiva os TPC'S ainda permitem o fortalecimento da responsabilidade do aluno, a gestão do seu tempo, a valorização do seu esforço, bem como a perseverança para atingir seus objetivos. Recomenda-se que o aluno tenha um local

estruturado para os estudos reduzindo a ação dos agentes distratores, com uma rotina estabelecida, controle volitivo e contando com o apoio de um adulto para monitorá-lo, pelo menos no início de sua vida escolar (Rosário et al, 2005).

Para Padilha (2005) na tentativa de mensurar a escola que as famílias escolhem, podemos observar uma relação direta entre o que é solicitado como TPC e o tempo das crianças envolvido para realização destas tarefas, desta forma as escolas podem ser categorizadas como “fracas”, se os pais não percebem os filhos cumprindo o TCP, e, como “fortes” quando percebem um envolvimento diário, que necessita às vezes de participação ou auxílio para a execução. E, conforme os valores das famílias, esse tempo é considerado excessivo ou insuficiente.

Padilha (2005) aborda esta tarefa como reforço de aprendizagem, fixação de matéria/conteúdo, complementação da aula, desenvolvida de responsabilidade, auxiliar para formar hábitos de estudo, um meio de integração família e escola. Podemos refletir profundamente sobre isso, pois quando utilizamo-nos como complementação, a questão acerca do gerenciamento do tempo da aula é interpretada como falha, por exemplo. Já a fixação, não pode ser substituída pelo aprender com compreensão e reflexão, estimulando a criança a pensar e gerir seu tempo? Os hábitos de estudos também não podem ser determinados como uma ação mecânica repetitiva, como escovar os dentes, é essencial que se tenha desejo e prazer em adquiri-los, desse modo entendemos como processos significativamente diferentes e que requer estratégias igualmente diferentes.

As famílias por vezes são acometidas pelo excesso de TPC, e pela falta de objetivos claros desta tarefa, por consequência disto, acabam interferindo nas relações familiares e sociais, sendo necessário lembrar que a realidade educacional no Brasil está em constante transformação e que raramente as famílias de classes mais baixas conseguem completar o ensino fundamental, quanto mais o ensino médio ou cursar algo a nível superior. Além de ser capaz de causar constrangimentos pelo pouco conhecimento parental, esta estratégia de aprendizagem pode ser citada pelas famílias por atrapalhar os momentos de lazer. Angustiadados em fazer rapidamente os TPC, os pais acabam resolvendo as atividades solicitadas para seus filhos prejudicando seu aprendizado e atrapalhando a visualização do professor quando ele tenta identificar as dificuldades de aprendizagem de seus educandos. Diferentemente deste fato, o TPC pode ser um momento prazeroso, investigativo e criativo onde ocorrem trocas de conhecimento,

envolvimento familiar e não somente, gerar conflitos por falta de entendimento ou complexidade da atividade.

De acordo com Perrenoud (2000) envolver os pais na construção dos saberes não significa limitá-los a desempenharem o papel de controlar o trabalho escolar e a manter os filhos motivados à terem uma conduta séria perante aos estudos e principalmente sobre a importância de aprenderem conscientemente e não somente para uma prova. Há pais que tentam convencer seus filhos a ficarem em casa, para descansarem ou para se cuidar, com tanta convicção quanto outros pais que fazem justamente o contrário, não deixando seus filhos faltarem a escola.

O desafio é planificar os TPC e, transformá-lo em uma eficiente ferramenta estratégica, com propósito de aprender para a vida, estreitando os laços familiares, desenvolvendo competências e habilidades, projetando o aluno para um futuro profissional autônomo, reflexivo e crítico, sem contar que os esforços docentes direcionar-se para outras atividades relevantes da escola.

A autorregulação da aprendizagem é o processo no qual o sujeito determina “objetivos que norteiam a sua aprendizagem tentando monitorizar, regular e controlar as suas cognições, motivação e comportamentos” (Rosário, 2004, p. 37).

Frison (apud Zimmerman, 2000) define auto-regulação como o reflexo de pensamentos, ações e sentimentos criados pelos próprios aprendizes na interação com o contexto, intencionalmente orientados para a realização dos objetivos, utilizando estratégias cognitivas, metacognitivas, motivacionais e contextuais.

A autorregulação, proporciona a organização das tarefas e objetivos de acordo com nossos valores e identidade, temos a liberdade de utilizar ferramentas de aprendizagem estratégicas que se aproximam à nossa realidade e anseios. A autorregulação é um sistema auto-organizado que dirige e estimula a ação para alcançar uma meta pretendida pelo próprio sujeito ou sugerida/mediada por alguém que tem participação no processo (pedagogo) e que no decorrer do percurso envolva, necessariamente cognições/metacognições, emoções e motivações. Para que a ação seja auto regulada necessita-se de um objetivo a ser atingido, de um motivo que provoque a ação, sustentando-a até atingir a meta desejada. A auto-regulação é este sistema organizado e permite à pessoa gerir os próprios recursos de forma a atingir os objetivos estabelecidos (FRISON, 2008, p. 136).

Autorregular a aprendizagem controlando nossas ansiedades e adaptando-nos aos diferentes contextos da vida, possibilita alcançarmos objetivos e metas durante os processos de ensino e aprendizagem na busca pelo conhecimento. Em diferentes fases da vida, sofremos exigências constantes do meio ao qual estamos

inseridos, sejam elas familiares, sociais ou profissionais, no entanto, o exercício de olhar para si próprio, tomando consciência torna-se o mais difícil. O estudante que apresenta características de autorregulação consegue tomar consciência e determinar alterações em seus processos de ensino e aprendizagem, seja ele na fase de planejamento, execução ou avaliação. Para Rosário et al. (2008) a pessoa autorregulada consegue identificar problemas, criam ou aplicam estratégias, fazem o monitoramento durante a realização e interpretam os resultados.

Segundo Rosário (apud Veiga Simão, 2005^a) é necessário que o desenvolvimento formativo dos professores se encaminhe aos moldes da autorregulação, com intuito que as atividades sejam abordadas com consciência, intenção, sensibilidade ao contexto, controle e regulação.

Dominar o conceito de auto-regulação da aprendizagem é importante para os educadores porque a labor educativa envolve um processo de resolução de problemas em que os dois pilares da auto-regulação – escolha e controle – jogam papel decisivo (Rosário et al., 2008, p. 119)

Para basear-se na autorregulação não há um modelo pronto ou uma listagem de estratégias, o professor é livre para criar e envolver o aluno de forma que estimule o seu pensamento, incentivando assim, atitudes autônomas para atingir os objetivos das tarefas, tornando-se capaz de solucionar problemas, superar dificuldades, gerir seu tempo e elaborar novos métodos para realizar as próximas tarefas.

Esta participação ativa do aluno se constrói a partir do reconhecimento de suas habilidades, competências e eficácia perante os conteúdos transmitidos pelo professor, isto é, o educando escolhe e controla sua aprendizagem conforme sua necessidade, não somente a memorização de conteúdos quanto à aprendizagem para além da prova, um construto para vida.

A autorregulação impulsiona o aluno a *querer saber mais*, e com a mediação do professor consegue ver a tarefa saindo dela e desta forma adquirir competência para questioná-la e modificá-la se achar prudente, a esta área determina de metacognição. (Perraudau, 2009). “Por metacognição entendemos a nossa capacidade de saber a cerca do nosso conhecimento, pensar e reflectir acerca do modo como reagimos ou vamos reagir perante uma tarefa” (Veiga Simão et al, 2007 apud Monereo, 2001).

O processo da autorregulação implica a autonomia do aluno, isto é, nas escolhas quando irá tomar uma decisão, regulando sua aprendizagem para atingir suas metas diante de alguma determinada situação (Veiga Simão et al, 2007).

Contudo, Freire (2002) afirma que aprender com olhar crítico é possível, mas exige condições, educandos e educadores que instigam, tem curiosidade, são inquietos, no sentido de querer saber, são humildes e persistentes.

A fim de estreitar a relação entre professores, alunos e familiares de forma eficaz e afetiva durante a vida escolar, propõe-se o envolvimento de todos em prol do aluno, tornando-o ainda mais autônomo e criativo, e assim o mesmo pode criar uma teia de relações em seu benefício onde todos os envolvidos no processo ensino-aprendizado utilizam os mesmos princípios autorregulatórios respeitando o contexto ao qual a criança está inserida.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com 10 docentes de uma escola pública estadual situada na cidade de Pelotas, onde aplicou-se um questionário com 6 perguntas abertas com idade entre 24 e 55 anos e todos com graduação completa em pedagogia ou outros cursos de licenciaturas, no entanto, somente 8 aderiram a pesquisa. Os sujeitos da pesquisa ministram aulas desde o 1º ano do ensino fundamental até o ensino médio. O questionário foi oferecido aos professores através da Diretora da escola escolhida e solicitado sua devolução em 7 dias.

Resultados

Na primeira pergunta, indagou-se os docentes sobre a questão de elaborar os TPC com objetivo claro e desta forma obteve-se 56% das respostas determinando os trabalhos para casa como reforço de conteúdo. O restante dos sujeitos abordara os TPC com a finalidade de: 1) oportunizar o envolvimento parental; 2) atividade com potencial de pesquisa; 3) atividade para identificar dificuldades e 4) atividade para verificar a aprendizagem.

O segundo questionamento perguntava se os professores motivavam os alunos para a realização dos TPC e todos afirmaram positivamente, porém com abordagens e dimensões diferentes, conforme os seguintes relatos: “dando notas”, “quando eles explicam aos seus colegas, sentem-se motivados”, “elaborando

trabalhos de pesquisa”, “palavras de incentivo e adesivos coloridos”, “exercitam formas variadas de conhecimento”.

Em seguida questionou-se os docentes sobre os estímulos da autonomia discente para a execução dos TPC, e novamente todos os sujeitos afirmaram positivamente com destaque para os seguintes relatos: “peço que façam sozinhos”, “podem encontrar outras formas de fazer”, “conscientizo os pais para que só auxiliem”, elaboro os tpc através de pesquisas”.

A quarta questão tentou verificar se os TPC eram elaborados através de estratégias de aprendizagem e assim todos os sujeitos responderam positivamente, com as seguintes respostas relevantes: “utilizo pesquisas de supermercado, folhetos, entrevistas”, “no 1º ano são pequenos ainda, e muito dependentes”, “proponho estudos dirigidos, projetos, brincadeiras”, “utilizo livros e internet”, “os TPC servem para fixar conteúdo”.

A quinta indagação perguntava se os docentes percebiam o envolvimento parental na realização do TPC, e 5 sujeitos responderam que não, os que responderam positivamente relataram que os pais ensinavam de forma errada ou faziam as tarefas para os filhos, e que percebiam quando o aluno era interessado em virtude da valorização que a família dava à escola.

Por fim, a sexta questão, perguntou-se sobre o significado sobre os TPC e os docentes afirmaram que era uma atividade para ser realizada em casa para reforçar o conteúdo; sem a ajuda dos colegas e familiares; estímulo para a responsabilidade; atividade que ajuda a pensar e refletir; pode ser utilizada para identificar as dificuldades; incentiva-os a estudarem o que gostam; atividade que deve ser corrigida para solucionar as dúvidas e, destacaram que esta atividade pode ser utilizada para oportunizar o envolvimento parental.

Discussões e Conclusões

A partir deste instrumento de pesquisa pode-se afirmar que é essencial esclarecer os objetivos ao propor um TPC, explicando também aos pais que seu papel fundamental está no monitoramento e não na execução, sem contar na importância de criarem um espaço específico para os estudos, bem como um ambiente tranquilo, organizado e com horários. Carvalho (2006) afirma que os pais precisam perceber também a importância da criança estar descansada ao realizar estas tarefas, exigir em horários errados pode causar conflitos, frustrações e repúdio

do educando para com as atividades extraclasse, atingindo assim o relacionamento destes para com seus familiares e docentes. Toda a atividade de TPC deve ser planejada ou pelo menos pré-organizada, para que possa ser exposta objetivamente à classe corrigida no dia seguinte individualmente e sanando dúvidas, e alterada se necessário conforme o andamento da aula. A partir da elaboração de TPC breves e criativos é possível incentivá-los a desvendar maneiras diferentes para realizá-los e despertar o interesse às aulas, aos estudos, ao conhecimento.

Os princípios autorregulatórios aborda a necessidade de realizarmos as tarefas com controle, intencionalidade, sensibilidade, consciência e regulação da tarefa, sem contar que para isso, o aluno precisa estar metacognitivamente, comportamentalmente e motivacionalmente engajado nas tarefas escolares.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa P. **O Dever de Casa como política educacional e objeto de pesquisa**. Revista Lusófona da Educação, Paraíba, v. 8, p. 85-102, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FRISON, Lourdes Maria Bragnolo. **Auto-Regulação: Potencial Determinante da Aprendizagem**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Professores e Alunos. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2008.
- PADILHA, Heloísa. **Reflexões sobre o Dever de Casa**. Revista LEME – Laboratório de Estudos sobre Mudanças na Escola, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 7 – 3, fev 2005.
- PERRAUDEAU, Michel. **Estratégias de Aprendizagem: como acompanhar os alunos na aquisição dos saberes**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000).
- ROSÁRIO, Pedro. **Estudar o Estudar: As (DES)venturas do Testas**. Porto: Porto Editora, 2004.
- ROSÁRIO, Pedro. et al. **Trabalho de Casa, Tarefas Escolares, Auto-Regulação e Envolvimento Parental**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 343 – 351, set/dez. 2005.

ROSÁRIO, Pedro. **Auto-Regular o aprender em sala de aula**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Professores e Alunos. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

SIMÃO, Ana Margarida Veiga; et al. **Auto-Regulação da Aprendizagem: das concepções às práticas**. Porto, Educa – Centro de Psicometria e Psicologia da Educação: 2007.